

# US\$ 4,8 bilhões do Brasil. Parados no Bird.

As relações entre o Brasil e o Banco Mundial (Bird) estão ficando mais tensas, com contestações de parte a parte. O presidente José Sarney voltou a insistir ontem, no Suriname, nas críticas ao Bird. Em Washington, uma fonte da instituição disse que "não existe nenhuma má vontade em relação ao Brasil", mas confirmou ao correspondente Moisés Robinovici que o País não só mantém um total de US\$ 4,8 bilhões imobilizados no banco como está pagando por eles uma taxa de compromisso de 0,75% ao ano. Em 88, isso significou US\$ 30 milhões.

A informação da fonte do Bird foi retificada, em Nova York, pelo negociador da dívida brasileira, Sérgio Amaral, ao correspondente Regis Nestrovski. Ele retrucou: "Uma hora pedem que cortemos gastos e depois nos criticam. Ele se referia ao fato de que, como o governo brasileiro fez cortes em seu orçamento — para conter o déficit público —, os recursos de vários projetos financiados, em geral meio a meio, pelo governo brasileiro e pelo Bird acabaram prejudicados. Ou seja: os saques no Bird não puderam ser feitos, em vista dos cortes de recursos dos projetos, do lado brasileiro.

Amaral, que está negociando com os bancos credores a dívida brasileira disse também que "jamais o Tesouro americano ofecereu ao Brasil um empréstimo de US\$ 3 bilhões. Isso é brincadeira."

No Suriname, o presidente Sarney disse que o Bird se transformou em "auditor", "credor" e "disseminador de interesses políticos", em lugar de uma agência promotora de desenvolvimento (mais notícias da viagem na pág. 10). Perguntado se a atitude do banco levará o governo a decretar uma moratória, Sarney não respondeu.

"O Banco Mundial não pode ser transformado num bode expiatório", protestou a fonte da instituição, com o cuidado de explicar que não estava respondendo às críticas do presidente Sarney. Elas "devem ser respeitadas", embora tudo indique que "ele (Sarney) não esteja recebendo todas as informações necessárias", disse a fonte.

O Banco Mundial ainda tem, hoje, à disposição do Brasil, um depósito de US\$ 500 milhões numa conta especial do Banco Central, criada para canalizar os desembolsos de projetos aprovados. Entretanto, para sacar da conta de US\$ 4,8 bilhões, o Brasil precisa ter contrapartida, ou seja, os projetos comuns não podem sofrer interrupção. Os desembolsos acontecem enquanto os projetos vão se desenvolvendo, disse a fonte.

Hoje, existem "inúmeros obstáculos", segundo o funcionário do Bird. É por isso que o Brasil só retirou US\$ 1 bilhão de empréstimos do banco, de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1988, que foi um período no qual o País pagou US\$ 979 milhões do principal da dívida, mais US\$ 715 milhões de juros, o que dá um fluxo negativo de US\$ 694 milhões.

## Lentidão

Os novos empréstimos estão lentos também por causa do Brasil, segundo a mesma fonte.

"Temos aqui, por exemplo, um projeto de distribuição de água para o Paraná, no valor de US\$ 350 milhões. Mas ele não pode receber o sinal verde porque não se sabe se o governo paranaense poderá ou não assumir o empréstimo. Um outro aqui, de US\$ 275 milhões, para um projeto de saúde básica no Nordeste, parou por causa de uma confusão: é ou não prioritário para o governo brasileiro. Na verdade, precisamos da colaboração do Brasil para fazer o que queremos".

Um projeto de reforma da política comercial, de US\$ 300 a US\$ 500 milhões, enfrenta um curioso problema: desde que o Banco Mundial incluiu na equipe um funcionário do FMI, especializado em política alfandegária, o Brasil passou a adiá-lo, como se não o quisesse mais. A missão que iria ao Brasil analisar um outro projeto, o de administração de recursos naturais em Rondônia, de cerca de US\$ 200 milhões, cancelou a viagem três vezes, por causa de telegramas de último momento despachados do Brasil.

## Setor Elétrico

Só com o controvértido empréstimo para o setor elétrico, bloqueado desde que a Eletrobras absorveu a Nuclebrás, o Bird já gastou US\$ 2 milhões.

"Não fosse a decisão do governo brasileiro de passar a Nuclebrás para a Eletrobrás, o projeto já estraria aprovado. Não há mais problema ambiental, do ponto de vista do banco."

O estudo de viabilidade econômica de Angra III, apresentado pelo Brasil ao banco, pecou por "falta de metodologia adequada e base de dados", explicou a fonte. "Mas não interrompemos as negociações. Estamos buscando soluções alternativas. Talvez uma delas seja a concessão de um empréstimo de nova natureza, para o mesmo setor."

O Banco Mundial tinha planejado aprovar um total de US\$ 2 bilhões de empréstimos ao Brasil (durante o ano fiscal que começou em 1º de julho de 1988 e termina em 30 de junho), incluindo três empréstimos de US\$ 500 milhões, um para o setor elétrico, outro para o setor financeiro e mais um para política comercial. Com atrasos provocados pela "operação desmonte" e Plano Verão, até agora só US\$ 134 milhões foram aprovados.

A Secretaria do Planejamento quer controlar melhor o fluxo de recursos. Isso pode até ajudar no futuro, mas, por enquanto, está atrasando tudo", lamenta um funcionário do Bird. A mesma fonte concluiu:

"Fala-se muito dos US\$ 500 milhões do setor elétrico. Eles liberariam os US\$ 600 milhões dos bancos comerciais, a que estão vinculados, e outros US\$ 450 milhões do governo japonês. Mas não foi o Bird que propôs o vínculo".



Sérgio Amaral: "não dá para entender".

ABERTINIA